



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 2

“EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

EIXO 2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO: SUAS MÚLTIPLAS FACES

MR2.1. Economia Solidária, Universidade e Comunidade

EMENTA

Contribuir para as discussões do Eixo: Políticas Públicas e Desenvolvimento Social. A Economia Solidária mais do que nunca se apresenta como uma alternativa de transformação social e de desenvolvimento econômico, local, regional e territorial. Visa a organização de pessoas para a geração de trabalho, renda e bem viver. Seu avanço depende, entre outros fatores, da construção e efetivação de políticas públicas e da participação crescente das universidades e comunidades. O debate e a troca de experiências propostas por esta mesa visa a integração latino-americana em torno destes objetivos comuns.

Coordenador: Alnary Nunes Rocha Filho – Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade de Ponta Grossa - (IESOL/UEPG - BRASIL)

Luiz Alexandre Cunha Gonçalves: Incubadora de Empreendimentos Sociais da Universidade de Ponta Grossa - (IESOL/UEPG - BRASIL)

Luiz Inácio Gaiger: Universidade do Vale dos Jesuítas do Rio Grande do Sul – (UNISINOS – BRASIL)

Daniel Maidana: Centro de Servicios a La Comunidad - Universidad Nacional de General Sarmiento – (UNGS - ARGENTINA)

Magdalena León T.: Fundación de Estudios, Acción y Participación Social – (FEDAEPS – ECUADOR)

RESUMOS APROVADOS

LIMITES E POSSIBILIDADES DAS INCUBADORAS POPULARES: o caso da Incubadora de Empreendimentos Solidários – IESol-UEPG. (autor(es/as): **ALNARY NUNES ROCHA FILHO**)

O PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS (PAA): Sua possível interface com a Economia Solidária e como uma Ferramenta para o Desenvolvimento Local no Prê Assentamento Emiliano Zapata, Ponta Grossa-PR (autore(es/as): **Carla Caroline Correia**)

Da Crítica para às Ideias e das ideias à prática: a experiência formativa do programa de honra em economia solidária, meio ambiente e desenvolvimento de base local da UFPR. (autor(es/as): **Christian Henríquez Zuñiga**)

Projeto Bem da Terra: Limites e Possibilidades (autor(es/as): **Cristine Krüger Garcias**)

A PARTICIPAÇÃO DA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DA EXTENSÃO EM PROJETOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: ESTUDO DE CASO DA UNICENTRO – IRATI – PARANÁ (autor(es/as): **Elmarilene Walk**)

O PROTAGONISMO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DO VALE DO ITAJÁ – RESVI (autor(es/as): **Fabricio Gustavo Gesser Cardoso**)

Incubadora Tecnológica de Cooperativa Popular como estratégia para emancipação humana e geração de trabalho e renda (autor(es/as): **Francisco Antonio Maciel Novaes**)

ASPECTOS DA SEGURANÇA NO TRABALHO E OS CUIDADOS PREVENTIVOS COM A SAÚDE NA FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS “PIRAÍ LIMPO” (ASCAMP) (autor(es/as): **Jaqueline Sartori**)

A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO FORTALECEDORA DO ENFRENTAMENTO AS CONDIÇÕES DE VULNERABILIDADE SOCIAL (autor(es/as): **Lorena Dantas Abrami**)

INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS NA RELAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM A SOCIEDADE (autor(es/as): **Nara Grivot Cabral**)

UMA INTEGRAÇÃO COMUNIDADE-UNIVERSIDADE NA PERSPECTIVA PARA A CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA (autor(es/as): **Renata Cristina Geromel Meneghetti**)

O NOVO NASCE DO VELHO: CULTURA E ECONOMIA SOLIDÁRIA (autor(es/a): **Sabrina Gabrielle Sawczyn**)

MR2.2. Educação Superior e Inclusão Social: experiências e percepções

EMENTA

Considerando o importante papel da educação na promoção e consolidação da cidadania, diversos setores sociais tem se dedicado à luta pela ampliação e democratização do acesso ao ensino superior. Ao mesmo tempo, no interior da Universidade intensificou-se o debate sobre alternativas para superar a alta seletividade social que o modelo de ensino superior adotado pelo estado pode produzir, bem como sobre mecanismos que possam ampliar o acesso e a permanência de estudantes oriundos de classes sociais de maior vulnerabilidade social. Por outro lado, alguns governos nacionais, frente à necessidade de dar respostas a estes movimentos, tem formulado e implantado políticas públicas com vistas a ampliar a oferta de vagas no ensino superior; a democratização do acesso, com adoção de mecanismos como cotas sociais e étnicas; e a permanência, com a criação de bolsas de estudo para estudantes com vulnerabilidade social. Desse modo, a mesa pretende ser um espaço para a comunidade discutir o tema da inclusão social no ensino superior, no âmbito da América Latina, com vistas a contribuir para o aperfeiçoamento de mecanismos que levem à superação e reversão do atual quadro de desigualdade, fragmentação e exclusão social.

Coordenador: João Alfredo Braidá – Universidade Federal da Fronteira Sul - (UFFS - BRASIL)

Jaime Giolo: Reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul – (UFFS - BRASIL)

Aloizio Mercadante Oliva: Ministro da Educação do Brasil – (MEC – BRASIL)

Ingrid Severdlick: Universidade Pedagógica - (ARGENTINA)

Armando Alcântara Santuário: Universidad Nacional Autónoma de México – (UNAM - MÉXICO)

RESUMOS APROVADOS

Educação e mundo do trabalho em sociedades em transição (autor(es/as): **fernando Pedrão**)

Educação escolar para o desenvolvimento dos povos indígenas do Brasil: múltiplas faces (autor(es/as): **Francine Rocha**)

DOCÊNCIA INDÍGENA NO EXTREMO OESTE BRASILEIRO: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM ANDAMENTO (autor(es/as): **José Alessandro Cândido da Silva**)

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: LIMITES E POSSIBILIDADES (autor(es/as): **Maria José da Silva**)

ACESSO E PERMANÊNCIA INDÍGENA NO ENSINO SUPERIOR, DO QUE ESTAMOS FALANDO? RELATOS DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE ACADÊMICOS INDÍGENAS (autor(es/as): **MARIANE DEL CARMEN DA COSTA DIAZ**)

NÚCLEO DE ESTUDOS FRONTEIRIÇOS DA UFPEL - EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E INCLUSÃO SOCIAL NA FRONTEIRA - BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): **MAURÍCIO PINTO DA SILVA**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

A Inclusão Laboral: Programa Promotor (autor(es/as): PRISCILA GADEALORENZ)

Expansão do ensino superior no Brasil – democratização do acesso e redução da iniquidade – Abordagem empírica utilizando dados do Censo da Educação superior e PNAD 2009 (autor(es/as): Rogerio Allon Duenhas)

O PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE – UNATI NA UNIOESTE: INTEGRANDO SABERES E PROMOVENDO A CIDADANIA DO IDOSO (autor(es/as): ROSELI ODORIZZI).

2.4. Educação na América Latina

Considerando as mudanças ocorridas no campo político e econômico, no que se refere ao papel do Estado e sua função no campo das políticas sociais, a mesa propõe ser um espaço para difusão e discussão de políticas educacionais implementadas em diferentes países da América Latina. Os objetivos são facilitar a troca de experiências entre pesquisadores e instituições, refletir sobre os rumos da educação nos países da região, além de promover um processo de integração regional

RESUMOS APROVADOS:

LUDOSOFIA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR (autor(es/as): **Alegria Baía Evelin Soria**)

CONVERGÊNCIAS DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO LATINO-AMERICANO QUE APONTAM PARA A EDUCAÇÃO DA MULHER NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO (autor(es/as): **Allene Carvalho Lage**)

O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) E O NÚCLEO DE ATIVIDADES PARA PROMOÇÃO DA CIDADANIA (NAP) CONTRIBUINDO PARA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES): UMA NOVA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (autor(es/as): **Carlos Alberto Malveira Diniz**)

CURSOS TÉCNICOS PROFISSIONALIZANTES DO COLÉGIO ESTADUAL SÃO MATEUS: CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO NO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS DO SUL-PR, NO PERÍODO 2004-2009 (autor(es/as): **Cláudia Regina Pacheco Portes**)

EDUCAÇÃO SUPERIOR NA ÁREA DE CIÊNCIAS SOCIAIS: ANÁLISE COMPARADA DA ESTRUTURA DOS CURSOS E EXPECTATIVAS DOS ESTUDANTES DA UFPR E DA UDELAR. (autor(es/as): **Ellen da Silva**)

A NECESSIDADE DA ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (autor(es/as): **FABRÍCIO CORDOVIL TEIXEIRA DE OLIVEIRA**)

CURRÍCULO POR COMPETÊNCIA E DISCURSOS HEGEMÔNICOS NOS DOCUMENTOS OFICIAIS SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR (autor(es/as): **Felipe da Silva Machado**)

A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL FORMAL COMO ELEMENTO RECONHECEDOR DO PATRIMÔNIO CULTURAL (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

O DISCURSO FREIREANO E A POLÍTICA SOCIAL (autor(es/as): **GLEYDS SILVA DOMINGUES**)

A educação escolar indígena e a educação intercultural (autor(es/as): **Jasom de Oliveira**)

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NAS ESCOLAS: UM ESTUDO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE BELÉM DO PARÁ (autor(es/as): **Juliana Cordeiro Modesto**)

Formando uma consciência integracionista (autor(es/as): **Karina Fernandes de Oliveira**)

SOMOS TIERRA: FORMACIÓN Y EXPERIENCIAS EN EL MOVIMIENTO CAMPESINO DE CÓRDOBA – ARGENTINA (autor(es/as): **Karina Scaramboni**)

A gestão escolar participativa e seus desafios (autor(es/as): **Maria Inês Vidal**)

A política da Educação do Campo e a Emancipação Humana (autor(es/as): **Maria Inês Vidal, Luis Alexandre Gonçalves Cunha**)

A FORMAÇÃO DOCENTE EM JOGO: O OLHAR SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFAC (autor(es/as): Pierre André Garcia Pires)

Percepção e apreciação de leituras em contextos escolares e culturais: formação em leitura em uma escola municipal de Foz do Iguaçu (autor(es/as): Regina Coeli Machado e Silva)

INVESTIGAÇÃO COMPARADA ACERCA DE REPRESENTAÇÕES DE AUTORIDADE POR JOVENS ARGENTINOS E BRASILEIROS (autor(es/as): Rosane Castilho)

CONVERGÊNCIAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINOAMERICANO EM UM MUNDO GLOBALIZADO: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUAS MÚLTIPLAS FACES (autor(es/as): Silvio Carlos dos Santos).

ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS: CONTRIBUIÇÕES A SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL (autor(es/as): Sorinéia Goede).

EDUCAÇÃO POPULAR E MOVIMENTOS SOCIAIS RURAIS NO BRASIL: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES (autor(es/as): Tarcio Leal Pereira).

ELEMENTOS DE VIDEOGAMES COMO FERRAMENTAS DE APRENDIZADO (autor(es/as): Thais Weiller).

EDUCAÇÃO TRADICIONAL GUARANI & EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: APROXIMAÇÕES ENTRE VIVÊNCIAS CULTURAIS E CONCEITOS TEÓRICOS (autor(es/as): Wanirley Pedrosa Guelfi).

O LUGAR DO CONHECIMENTO NAS DIRETRIZES CURRICULARES BRASILEIRAS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A RELAÇÃO COM A PRÁTICA (autor(es/as): Camila Itikawa Gimenes).

A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03 NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO PAULO (autor(es/as): Adriana Márcia Prado de Araújo et alii).

PIBID: UM PROGRAMA QUE FORTALECE O EIXO EDUCACIONAL PARA A RETOMADA DA LICENCIATURA NO ÂMBITO TERRITORIAL BRASILEIRO (autor(es/as): Patrícia Santos Fonseca et alii).

AValiação em larga escala: uma iniciativa da política educacional centralizadora (autor(es/as): Rivanda dos Santos Nogueira et alii).

NÃO ALFABETIZADOS LENDO: AS PARTES DO LIVRO NA EDUCAÇÃO QUE FOMENTA A LEITURA E GARIMPAM LEITORES. (autor(es/as): Cláudio Renato Moraes da Silva).

BULLYING: PERCEPÇÕES DOS EDUCADORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA (autor(es/as): Domiciane Araújo Azevedo).

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

2.5. Trabalhadores(as) da Educação no Mercosul: impasses e desafios

RESUMOS APROVADOS

EMENTA

AAPP – Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná visa promover um diálogo entre dirigentes sindicais do Brasil, da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, sobre a Educação Pública no Mercosul, ressaltando os desafios para os/as Trabalhadores/as em Educação. AAPP-Sindicato entende que esta é uma integração necessária e urgente, que vem unificar a discussão sobre as condições de trabalho e valorização dos/as trabalhadores/as em Educação e dar maior organicidade à luta dos movimentos sociais latino americanos, em prol de uma Educação pública de qualidade, laica e gratuita, para todos e todas.

Coordenadora: Fabiana Tomé e Walkiria Mazeto - Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP - BRASIL)

Fátima Aparecida da Silva: Secretária Internacional da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – (CNTE - BRASIL)

Arturo Musial: Secretario General de Union de Docentes de la Provincia de Misiones –(UDPM - ARGENTINA)

Gustavo Macedo: Federación Democrática de Maestros y Funcionarios de Educación Primaria - (URUGUAY)

Luis Alberto Riart Montaner: Ex Ministro da Educação do Paraguai e professor da Universidad Nacional de San Martín e Universidad Pedagógica de Buenos Aires – (UNSAM/UPBA - PARAGUAY)

O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E PROFISSIONAL DOS FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO NO NRE DE APUCARANA (autor(es/as): **Afife Maria dos Santos Mendes Fontanini**)

REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, FLEXIBILIZAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NO ESTADO DO PARANÁ (autor(es/as): **Mariana Bettega Braunert e Everson Araujo Nauroski**)

Mestres em greve? Gênero, representações e memórias das mobilizações de professoras/es de 1968 no Paraná. (autor(es/as): **Melissa Colbert Bello**)

2.6. Teorias Críticas na América Latina

A presente mesa redonda é resultado das pesquisas do Núcleo de Estudos Filosóficos - NEFIL, do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Paraná - PPGD/UFPR, voltado para os estudos latino-americanos dedicados à filosofia da América Latina e suas grandes tendências atuais no âmbito da crítica epistemológica, destacando-se alguns dos principais autores do debate contemporâneo no continente, notadamente Enrique Dussel, Anibal Quijano, Walter Mignolo, Atilio Borón e Franz Hinkelammert, até chegar a uma aproximação às propostas interculturais assentes no novo constitucionalismo latino-americano.

Ludwig apresentará a relação entre teorias críticas do direito e a filosofia da libertação de Enrique Dussel; Pazello discorrerá sobre a relação entre as teorias críticas da colonialidade do poder e as teorias da dependência na América Latina, em especial a partir de Anibal Quijano; Bley abordará a relação entre colonialidade do saber e educação para os direitos humanos, conforme a crítica gnosiológica de Walter Mignolo; Franzoni estabelecerá os pressupostos epistemológicos da crítica à razão utópica de Franz Hinkelammert; Pereira analisará as teorias críticas latino-americanas sob o foco do marxismo de Atilio Borón.

RESUMOS APROVADOS

INDÚSTRIA CULTURA, TRABALHO DOCENTE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE (autor(es/as): Everson Araujo Nauroski).

EDUCAÇÃO E MUNDO DO TRABALHO EM SOCIEDADES EM TRANSIÇÃO (autor(es/as): Fernando Pedrão)



INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: EXPERIÊNCIAS NA RELAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM A SOCIEDADE

Nara Grivot Cabral¹

RESUMO

A ideia de superar o afastamento da universidade frente às demandas e às necessidades sociais tem sido um desafio permanente ao pensar acadêmico. Nesse sentido, a aproximação da universidade com a sociedade tem levado a criação de programas e projetos de extensão universitária, próprios das competências acadêmicas, que cada vez mais buscam o diálogo com a sociedade e revigoram as estruturas e estratégias educativas. Este estudo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a experiência da Incubadora de Economia Solidária da Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS, como um projeto de extensão universitária que tem se consolidado nas atividades de incubação, apoio e formação a empreendimentos de economia solidária (EES) da região na qual a Universidade está inserida. Para atingir os objetivos propostos, utiliza-se do método de estudo de caso, em uma universidade comunitária do Sul do país, e teoricamente sustenta-se na sociologia das ausências e na sociologia das emergências, de Boaventura de Sousa Santos, nos estudos dos contextos do saber, de Sandra Jovchelovitch e da economia solidária de Jean-Louis Laville, Luiz Inácio Gaiger e Paul Singer. As reflexões sobre extensão universitária e economia solidária são tecidas a partir da experiência de incubação desta universidade, através de observações, notas em diário de campo, e documentos da Incubadora, no período de 2009 a 2012. No caso apresentado, entre os principais resultados alcançados até o momento, pode-se citar a consolidação da relação da Incubadora com os EES, a articulação com as políticas públicas através dos Fóruns de Economia Solidária e a ampliação da atuação em redes através da Feira de Economia Solidária, como espaços que se revigoram na intervenção dialógica de professores e bolsistas de extensão com os trabalhadores, juntamente com as próprias estruturas e estratégias educativas da Incubadora.

Palavras-chave: Extensão universitária. Incubadora de economia solidária. Universidade e sociedade.

¹ Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS/Brasil. Psicóloga, Doutora em Educação pela UFRGS (2012), Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos (2005) e Especialista em Projetos Sociais e Culturais pela UFRGS (2001). Professora da Universidade Feevale, atuando na extensão universitária desde 2001, atualmente na coordenação da Incubadora de Economia Solidária, projeto de extensão financiado pela FINEP. Tem publicações recentes nos seguintes temas: universidade e sociedade, extensão universitária e economia solidária. E-mail: naracabral@feevale.br ou naragrivot@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

A problematização das atividades de extensão universitária como questão que se destaca na universidade torna-se significativa e necessária, principalmente ao se considerar os rumos dessa instituição para o século que se inicia.

Por certo, as estratégias estabelecidas pela universidade para a extensão universitária influenciam as relações com a sociedade que a originou e que a mantém. A ideia de superar a ruptura e o afastamento da universidade frente às demandas e às necessidades sociais tem sido um desafio permanente ao pensar acadêmico. Nesse sentido, a aproximação da universidade com a sociedade tem gerado a criação de programas e projetos educativos, próprios das competências acadêmicas, que buscam o diálogo e revigoram suas estruturas e estratégias. Notadamente, com aquelas comunidades afastadas dos centros de produção de conhecimento. Porém, o desenvolvimento de projetos voltados para a sociedade está constantemente sendo tensionado pelas exigências do rigor teórico, científico e metodológico, próprios do fazer acadêmico.

A pertinência e a atualidade da extensão universitária e da economia solidária como objeto de estudo tem ganho sentido e importância, colocando-se neste estudo como uma das práticas acadêmicas que possibilita indagar sobre os rumos da universidade e, mais especificamente, sobre a relação da universidade com a sociedade na perspectiva do cumprimento do seu compromisso social. Ainda nos dias atuais, essas questões encontram-se abertas, sem respostas claras, suscitando perguntas diversas, como mostram os recentes debates, estudos e produções acadêmicas sobre o tema, ao mesmo tempo em que apontam novos elementos de análise ao se articularem às temáticas relevantes da vida social, como a produção e a legitimação dos saberes diversos a partir das concepções e práticas de extensão universitária em economia solidária.

Na perspectiva de trazer para a discussão o espaço de excelência na produção e socialização do conhecimento realizado no ambiente da universidade, que se concretiza através das atividades de ensino, pesquisa e extensão, este estudo pretende apontar algumas pistas para uma compreensão mais ampla da relação da universidade com a sociedade, a partir da experiência da Incubadora de Economia Solidária da Universidade Feevale, como um projeto de extensão universitária que tem se consolidado nas atividades de incubação, apoio e formação a empreendimentos de economia solidária (EES) da região na qual a Universidade está inserida.



EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: A RELAÇÃO DA UNIVERSIDADE COM A SOCIEDADE

Ao longo das décadas, a multiplicidade de elementos que caracterizam a extensão universitária tornou-a uma prática diversificada, de conceituação complexa, longe de adquirir uma unicidade conceitual. Entretanto, desde a sua origem, na década de 1930, ela tem buscado constituir-se de forma integrada aos processos acadêmicos, como uma prática de legitimação da universidade frente às demandas da sociedade. Atualmente, a dificuldade de concepção e de compreensão das suas práticas continua sendo desafiada pela busca por concepções, estruturas e práticas de extensão que consigam avançar na superação das lacunas teórico-conceituais e metodológicas deixadas ao longo das décadas.

O que pensam e como agem professores e estudantes inseridos em ações desenvolvidas pela universidade junto à sociedade tem sido uma questão presente na agenda oficial e na discussão acadêmica e das políticas de educação superior nestes últimos anos, mostrando o quanto a extensão universitária tem se institucionalizado como atividade fim da universidade e se fortalecido como compromisso social na sociedade no Brasil.

Entretanto, a extensão universitária ainda se apresenta entre proposições diversas e ambivalentes, algumas vezes confundida com a prestação de serviços técnicos à comunidade, que a aproxima das concepções com fins utilitaristas e instrumentais, como referem Santos (2001, 2004) e Chauí (1994, 1999, 2003), ou mesmo como uma prática isolada e individualista, como demonstram os estudos de extensionistas brasileiros (BOTOMÉ, 1996; FARIA, 2001; PONTE, 2008; SILVA E., 2003; SOUSA, 2000). Ao mesmo tempo, é perceptível a existência de momentos em que a universidade dialoga profundamente com outras experiências que nascem na sociedade, como os movimentos sociais e a educação popular (BRANDÃO, 2002; FREIRE, 1983), estabelecendo um diálogo mais aberto com os diversos saberes existentes na sociedade.

Para este estudo, buscou-se contextualizar a extensão universitária a partir do debate provocado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos com a intenção de se evidenciar as formas políticas alternativas e de resistência ao sistema capitalista e as possibilidades e impossibilidades de se construir outro olhar sobre as práticas sociais e os saberes em extensão universitária.

O entendimento oferecido pela *sociologia das ausências* e pela *sociologia das emergências* (SANTOS, 2002, 2006a, 2006b), permite tensionar a ideia de monocultura



do saber frente a diversidade de saberes presentes na extensão universitária, buscando-se compreender como o saber científico pode dialogar com o saber popular, o saber indígena, o senso comum, as crenças, entre outros, a partir da extensão universitária. Nesta lógica, o conceito de “ecologia dos saberes” criado pelo autor é chave para o entendimento aqui proposto.

Com a ideia da *sociologia das ausências*, Santos propõe a substituição da monocultura do saber por uma *ecologia dos saberes*, em que o saber científico possa dialogar mais amplamente com o saber laico, o saber popular, o saber das populações afastadas dos centros de produção hegemônica de um saber hegemônico, entre outros. Para Santos, essa perspectiva etimológica designada por ele como *ecologia dos saberes*, inicialmente apresentada no livro “Um Discurso sobre as Ciências”, em 1988, teve uma enorme expansão nos últimos vinte anos. Em outros termos, a ecologia dos saberes refere-se a um conjunto de epistemologias, ou seja, desde a pluralidade interna das práticas científicas até a pluralidade externa encontrada na diferenciação entre saberes científicos e não científicos (SANTOS, 2006a).

Na *lógica das ausências*, deixam-se de fora as práticas sociais geradoras de saberes populares, não legitimadas pelo rigor da ciência ocidental, ignorando, portanto, não só os conhecimentos alternativos, mas também os sujeitos que os constroem, pois “há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um mundo irreversível” (SANTOS, 2006a, p. 102). Nesse sentido, a ecologia dos saberes estaria relacionada à reinvenção das possibilidades emancipatórias.

Com esse pressuposto epistemológico e político-social, passa a ser relevante entender a extensão universitária a partir do princípio do não desperdício das experiências e das realidades deixadas de fora pela racionalidade dominante e hegemônica, e, ao contrário disso, colocá-la em diálogo com as riquíssimas experiências disponíveis no “mundo”, com suas racionalidades e lógicas próprias. Dessa forma, a extensão passa a ser entendida como um processo de abertura ao que ainda não foi ativamente produzido como existente, por ainda estar sendo gestado e experienciado na sociedade em seu potencial de vir-a-ser. Sem deixar de fora as práticas sociais geradoras de saberes populares, sem deixar de fora os conhecimentos alternativos, e, portanto, os sujeitos que os constroem.

Nesta perspectiva, a extensão universitária é um espaço plural, de encontro de saberes, sendo uma atividade acadêmica que não pode ser apreendida como um bloco monolítico, pois as suas concepções e práticas não são unívocas. Com natureza, formas



e funções diversas, a extensão universitária tem uma multiplicidade de concepções e práticas, que produzem e reproduzem as relações de poder inseridas no campo do saber, em um processo que é contraditório, tenso e dinâmico. Dai se afirmar a existência de saberes em extensão universitária.

A partir destas reflexões críticas, torna-se imprescindível avançar o debate para o contexto de diálogo e de não diálogo de saberes, com as contribuições de Jovchelovitch (2008) e Spivak (2010), que colocam desafios às instituições e aos grupos sociais, especialmente às universidades por estarem implicadas nas relações de poder que se encontram presentes no campo do saber.

A questão do encontro de saberes ao ser colocado em pauta, com suas zonas de luz e sombras, como afirma Santos (1988), mostra a ambiguidade da procura pelo conhecimento como uma prática contingente e contextual, assim como mostra a diversidade epistemológica, com as riquíssimas experiências espalhadas pelo “mundo”, e, portanto, na relação da universidade com a sociedade.

“O problema do saber persiste”, afirma Jovchelovitch (2008, p. 19), e continua sendo *nosso* quando se tenta dar sentido à herança que se recebe e quando se confrontam os desafios e exigências que são postos pelas questões ligadas ao conhecimento disponível na sociedade atual. As discussões mais recentes, centradas sobre quem detém o conhecimento e sobre o que é conhecimento, tornam-se complexas de serem respondidas, principalmente em contextos desiguais, em que surgem as difíceis perguntas: Pode o subalterno falar? (SPIVAK, 2010). Quem pode falar pela vítima? (SANTOS, 2009, p. 360). Portanto, a questão da relação entre o saber e o poder tem desafiado a universidade enquanto espaço de construção e de produção de conhecimento, mas, sobretudo, enquanto espaço de prática social a rever os seus processos organizacionais e institucionais.

Na construção de um modelo assimétrico de conhecimento, o *Outro* é quem se encontra do outro lado da fronteira, que passa a ser representado pela ideia da irracionalidade, como: *os povos não civilizados, o louco, o ignorante, o subalterno, o leigo, o índio, o negro, o pobre*, etc. Como afirma Jovchelovitch (2008, p. 233), “o outro radical foi vigorosamente construído como um lugar de irracionalidade e privado de tudo o que pudesse ser chamado de conhecimento”. Pode-se dizer que não é por acaso que o conhecimento verdadeiro é o que vai colocar em segundo plano o conhecimento que é local, tradicional ou endógeno, como os conhecimentos populares, camponeses ou indígenas, que passam a ser entendidos como um conhecimento mágico, intuitivo, alternativo, exótico, secundário ou periférico.



A proposta do *paradigma emergente* de Santos (1988, 2005, 2006a) como um contraponto ao paradigma hegemônico, capitalista e colonialista, defende uma nova relação entre ciência e ética, em que a aplicação técnica possa ser substituída pela aplicação edificante da ciência na construção de um *conhecimento prudente para uma vida decente*. Como uma nova articulação entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento, esse é um caminho que assenta na dupla ruptura epistemológica, privilegiando, entre outros, o reconhecimento das experiências das vítimas e dos grupos subalternizados. Assim, como construção epistêmica, política e social, a proposta do paradigma emergente substitui o projeto sociopolítico atual por uma nova Epistemologia do Sul² (SANTOS, 2009; SANTOS, MENESES; 2009), em que a questão do diálogo dos saberes ocupa um lugar central.

ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM PROJETO DE SOCIEDADE

A economia solidária³ é um conceito amplamente utilizado em diversos países, notadamente, na América Latina e na Europa, apresentando concepções bastante variadas, com uma multiplicidade de sentidos que, no geral, remetem a ideia de solidariedade, mostrando-se como um contraponto ao individualismo competitivo e utilitarista das sociedades capitalistas (LAVILLE, GAIGER, 2009; SINGER, 2003). Para estes autores, a economia solidária traz à tona a longa história associativa dos trabalhadores, marcadamente do início do século XIX, expressando, atualmente, a impossibilidade de muitos deles viverem segundo as oportunidades oferecidas pelo mercado capitalista e sua lógica intrinsecamente excludente.

Porém, o contexto social em que a economia solidária se encontra nas primeiras décadas do século XXI é muito diferente daquele em que a economia solidária viveu, nos séculos passados, notadamente nas lutas do cooperativismo operário de resistência a Revolução Industrial, iniciada no começo do século XIX. Outro marco da experiência de autogestão com a Cooperativa de Rochdale, em 1844, por exemplo, ponto de partida e de inspiração para inúmeras cooperativas que foram sendo criadas não só na Inglaterra, mas

² O “Sul” é uma metáfora criada por Santos que significa todo o sofrimento causado pelo capitalismo mundial em todas as suas formas de subordinação, como expropriação, supressão, silenciamento, diferenciação desigual, etc. Implica a experiência histórica de subalternização do mundo inteiro, inclusive o Norte e o Ocidente (SANTOS, 2005, p. 367-368).

³ Economia solidária, economia social ou economia popular são termos usados para se referirem a uma “outra economia”, como um contraponto a economia capitalista.



em outros países da Europa, durante o século XIX, difere em muitos aspectos da experiência hodierna revivida pelo cooperativismo, a exemplo da experiência de Mondragón, em Oñati, país basco da Espanha, no pós-guerra⁴, ou mesmo da economia solidária que ressurgiu como um movimento em oposição ao projeto político neoliberal, desde a década de 1980 (LAVILLE, GAIGER, 2009; SINGER, 2003).

Assim, é difícil precisar uma data de revivência para a economia solidária, já que ela difere em aspectos econômicos, sociais e políticos, em cada momento e em cada país. Porém, é consensual neste movimento dos trabalhadores, a retomada dos princípios básicos da economia solidária (autogestão, cooperativismo e solidariedade), associados à diversidade das lutas atuais (preocupação ambiental, de gênero e de raça, entre outros) e a valorização da democracia e da igualdade no campo da produção, da comercialização, do consumo e das finanças, ou seja, no campo das práticas em economia solidária.

É no contexto deste amplo debate que, no final da década de 1990, começa a se constituir em algumas universidades brasileiras a ideia de Incubadoras de economia solidária, recolocando o papel social da universidade e a sua inserção comunitária. As Incubadoras universitárias podendo estar ligadas às atividades de ensino, pesquisa e extensão, passam a se organizar das mais diversas formas, como projetos, programas ou serviços de extensão, ou mesmo como um órgão institucionalizado dentro da estrutura interna da universidade, tendo como foco os processos educativos para a cooperação, a solidariedade e a autogestão (REDE DE ITCP, 2009).

Para Singer (2003, p. 125), o envolvimento da universidade com o campo da economia solidária tem sido particularmente importante, como refere o autor,

[...] pela capacidade de pesquisa e de elaboração teórica que possuem. Estudantes, professores e técnicos se engajam na formação e incubação de cooperativas populares, recém-formados criam suas próprias cooperativas, experiências autogestionárias (como cooperativas de crédito) no próprio campus são espaços de aprendizagem, mas também de observação e reflexão sobre esse modo de produção revivido e seu papel na sociedade contemporânea.

⁴ Em 1956 é fundada em Oñati, na Espanha, a primeira cooperativa de produção (montadora de fogões e geladeiras), pelo padre chamado de Arismendi, uma experiência voltada à prática da autogestão que viria a originar mais tarde o complexo cooperativo de Mondragón, reunindo mais de 100 cooperativas (SINGER, 2003), sendo um marco para a economia social.



Nesse sentido, as universidades têm protagonizado atividades de apoio às iniciativas e experiências de auto-organização dos trabalhadores, em diferentes segmentos, como artesanato, alimentação, reciclagem de material, agricultura familiar, entre outros, reforçando o trabalho de reconstrução da economia solidária realizado pelas instituições governamentais e da sociedade civil⁵, destas últimas décadas. A universidade, a partir das suas competências acadêmicas, passa a promover a incubação e a formação de EES, articulados as suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Segundo Veronese,

[...] o trabalho associativo e cooperativo parece ser uma das respostas viáveis, em termos de condições e meios de trabalho, ao considerar-se o empobrecimento das populações e a falta de oferta de emprego [...] Assim, assinala-se vivamente, nas últimas décadas, a ressurgência do trabalho associativo e autogestionário, num mosaico poliforme de organizações que perseguem tanto a geração de renda para os participantes, quanto a dignidade e solidariedade no trabalho (VERONESE, 2008, p. 40).

A primeira Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) foi criada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1995, na Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPE). O reconhecimento desta experiência deu origem ao Programa Nacional de Incubadoras Universitárias (PRONINC), em 1998, que, desde então, vem financiando o trabalho das Incubadoras em diversas universidades brasileiras, através da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)⁶, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Desde então, muitas outras ITCPs, vem sendo criadas pelas universidades brasileiras, apesar dos financiamentos escassos e temporários e da falta de políticas públicas para a área, o que acaba trazendo sérios riscos à continuidade de sua atuação, apesar do crescimento dos editais e parcerias, principalmente com os órgãos públicos federais.

A incubação no campo da economia solidária apresenta uma diversidade de características, com diferenças significativas, por exemplo, “em relação à incubação empresarial”, como destacam França Filho e Cunha (2009). No geral, elas estão voltadas para empreendimentos que se encontram organizados em pequenos grupos de trabalho, comumente formados por pessoas de baixa renda, a maioria mulheres, distribuídos

⁵ Como a Cáritas Brasileira, vinculada à Igreja Católica, a Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (FASE), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Confederação dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), a Associação dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão (ANTEAG), entre outros (SINGER, 2003).

⁶ Instituída em junho de 2003.



principalmente nas atividades de artesanato, alimentação e reciclagem do lixo. O foco do trabalho de incubação incide, sobretudo, na construção e fortalecimento dos processos de autogestão e cooperação nos EES, tornando-se, portanto, um importante dispositivo de articulação e representação dos trabalhadores, no âmbito econômico, político e educacional.

Portanto, nesta modalidade de incubação, o conceito de empreendimento econômico solidário passa a ser um divisor de águas em relação aos outros tipos de incubação, como a incubação empresarial. Segundo Gaiger (2009, p. 181), “o conceito de *empreendimento econômico solidário* compreende as diversas modalidades de organização econômica, originadas da livre associação de trabalhadores”, atuando sob a égide da cooperação, em setores de produção, prestação de serviços, comercialização e crédito. Com esta perspectiva, as práticas se caracterizam por outra racionalidade produtiva, calcada na solidariedade, e em coletivos de trabalho, de base doméstica, familiar ou pela agregação de trabalhadores que, por motivos diversos, não se encontram inseridos do mercado de trabalho capitalista.

No Brasil, o papel da universidade como entidade de apoio a economia solidária⁷ tem se destacado não só pelo número de instituições, públicas e privadas ou comunitárias, que tem vindo a criar projetos de ensino, pesquisa e extensão com interesse nesta área, desenvolvendo atividades voltadas para as experiências dos empreendimentos (espaços de organização econômica), os Fóruns de Economia Solidária (espaços de articulação política) ou as Feiras de Economia Solidária (espaços de comercialização), mas também pelo seu protagonismo na constituição de redes de atuação, como a Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPs), constituída em 1999, que vem atuando desde então, em âmbito regional, estadual e nacional, na promoção das trocas de experiências e no fomento ao papel da universidade como agente transformador da sociedade.

Quando a globalização acelerada do capital, que se desprende de sua natureza social e de seus vínculos com o coletivo, retira o emprego de milhares de pessoas em escala nunca vista na história da humanidade, tornando inevitável a convivência com novas formas de exclusão social, política e econômica, parece imprescindível para a sociedade,

⁷ Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), as Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento (EAF) à economia solidária são aquelas organizações que desenvolvem ações nas várias modalidades de apoio direto junto aos empreendimentos econômicos solidários, tais como: capacitação, assessoria, incubação, assistência técnica e organizativa e acompanhamento. Ver mais sobre isso em: www.fbes.org.br.



[...] valorizar as experiências que nascem da auto-organização, que defendem os direitos básicos do trabalho e que apostam na associação e em soluções coletivas, formando o lastro de experiências e de convicções morais e intelectuais indispensáveis à construção de novos rumos para a sociedade (LAVILLE, GAIGER, 2009, p. 162).

Como as alternativas constroem-se no movimento contraditório da história, as experiências dos empreendimentos econômicos solidários vêm se constituindo e consolidando a partir de um conjunto crescente de iniciativas de apoio, fortalecimento e interlocução realizadas por organizações e instituições diversas, entre elas, as universidades e seus programas e projetos de Incubadoras.

INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO DE CASO

A experiência da incubadora de economia solidária ora apresentada como um estudo de caso é um projeto de extensão da Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS/Brasil, vinculado a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PROACOM) e financiada pelo Programa Nacional de Incubadoras Universitárias (PRONINC), da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), com recursos repassados pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), do Ministério da Ciência e Tecnologia.

As reflexões sobre extensão universitária e economia solidária são tecidas a partir da experiência de incubação desta universidade, através de observações, notas em diário de campo, como fontes primárias, e documentos da Incubadora, como fontes secundárias, no período de 2009 a 2012. A partir dos objetivos traçados, a entrada no campo empírico deu ênfase às experiências de professores, bolsistas de extensão e participantes dos empreendimentos de economia solidária envolvidos nas ações propostas pela universidade.

Na Universidade Feevale, desde 2006, as ações da equipe de professores e bolsistas de extensão da Incubadora de Economia Solidária têm aberto um leque de possibilidades de atuação junto aos EES, que se entrelaçam aos processos de ensino, pesquisa e extensão. Inicialmente, promovendo a incubação e o assessoramento aos empreendimentos, bem como atividades de formação e de acompanhamento técnico e de



gestão, para a identificação das demandas de geração de trabalho e renda em comunidades da região em que a universidade está inserida; estas atividades são alargadas com o apoio ao movimento social através da articulação com os Fóruns de Economia Solidária, com participação e representação local e regional, além das Feiras de Economia Solidária, realizadas mensalmente nos campi da universidade, com a autogestão dos próprios EES, acompanhados pela Incubadora.

Em Novo Hamburgo e demais municípios da área de abrangência da Feevale, não muito diferente de outras cidades da região metropolitana de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, as alternativas de sobrevivência para enfrentar o desemprego de longa duração têm sido as mais diversas, como o mercado informal, a venda ambulante e os biscates. Entretanto, na última década, tem surgido uma forma diferente de produzir, vender, comprar ou trocar o que é preciso para o bem-viver, a partir da iniciativa de trabalhadores, notadamente artesãos, que buscam outras formas de geração de renda, através das iniciativas de cooperação e o associativismo, mesmo que em grupos pequenos, formados majoritariamente por mulheres, e muitos deles de origem familiar.

Para o período de 2012-2013, as metas traçadas são as seguintes: consolidar o referencial teórico metodológico no campo da economia solidária; fomentar o empoderamento dos empreendimentos de economia solidária incubados; promover a geração de trabalho e renda na dimensão de negócios sustentáveis solidários e fortalecer as políticas públicas da economia solidária por meio da articulação entre empreendimentos e gestores públicos.

A partir destas metas, as atividades da Incubadora são ampliadas com a proposta de intervenção e reorganização de *cadeias produtivas em economia de rede* (MANCÉ, 2002). Neste contexto, as Feiras de Economia Solidária realizadas nos campi da Universidade passam a ser um *locus* privilegiado de atuação, ao contemplarem as etapas de elaboração, distribuição, comercialização e consumo solidário. Neste contexto, a Feira de Economia Solidária da Feevale tende a se consolidar como um espaço permanente de experimentação para a autogestão dos EES, congregando trabalhadores do segmento da alimentação e do artesanato. Desde 2012, as Feiras passam a ser fortalecidas com a ideia de redes colaborativas, sendo inicialmente trabalhadas em seus aspectos de relacionamento humano, nos encontros de formação mensalmente realizados para os empreendimentos pela Incubadora, durante um dos dois dias de Feira.



Figura 1 – Feira de Economia Solidária (Campus II)

O acompanhamento mensal da dinâmica e dos itens de comercialização na Feira de Economia Solidária pelos bolsistas da Incubadora mostra que o consumo de artesanato e alimentação passam a ser gradativamente incorporados à vida das pessoas que transitam nos campi da Feevale, mesmo que ainda não haja uma real percepção das concepções envolvidas nestas práticas, ou seja, do significado e do sentido da *produção e o consumo solidário*. De outro modo, as formações com os trabalhadores dos EES que expõem na Feira, realizadas sistematicamente pela Incubadora a cada mês, tem elucidado a contradição presente na relação dos trabalhadores entre si e com os princípios da economia solidária, apontando tensões e desafios a serem enfrentados pela Incubadora no diálogo com os EES, e, notadamente, com o Fórum Municipal de Economia Solidária, na articulação dos empreendimentos com os gestores públicos.



Figura 2 – Reunião do Fórum Municipal de Economia Solidária



Figura 3 – Reunião de Formação durante a Feira de Economia Solidária (Campus II)

Outro avanço tem sido nas formações específicas dos EES, identificadas sob demanda dos incubados, que passam a ser atendidas com a criação do *Núcleo de Formação* da Incubadora, desde o final de 2011, com a realização de cursos focados em temáticas específicas, a partir do envolvimento de diversos cursos da universidade, como: Design de Produtos, Design de Moda, Turismo, Gastronomia, entre outros. Este projeto piloto se consolida no primeiro semestre de 2012, com a inclusão de novos temas de formação para os trabalhadores, com outros cursos que venham atender as seguintes demandas: gestão e custos, violência intrafamiliar e comunicação no atendimento. No geral, os temas que têm sido demandados pelos EES apresentam os princípios da economia solidária como eixo principal, seguidos pelas técnicas voltadas à produção e comercialização do produto, como um eixo secundário, que passam a ser trabalhados com ênfase ao conceito de tecnologias sociais, ou seja, na dimensão social das tecnologias.



Figura 4 – Oficina de Formação em Gastronomia

A Figura 5 demonstra a estrutura da Incubadora para o período de 2012-2013, seguindo as metas propostas:



Figura 5 - Estrutura de Funcionamento da Incubadora
Fonte: Elaborado pela autora

Com esta estrutura a Incubadora busca atingir as metas previstas no Plano de Ação, contemplando os aspectos de incubação e assessoria, de construção e atuação em redes solidárias, de articulação com as políticas públicas, de gestão de seus processos organizacionais, de produção teórico-metodológica e de geração de conhecimento e, finalmente, de formação dos EES. As fotos listadas a seguir ilustram algumas das atividades desenvolvidas.



Figura 6 – Livro Publicado pela Incubadora em 2010



Figura 7 – Encontro de Incubação de EES na universidade



Enfim, entre os principais resultados alcançados até o momento, pode-se citar a consolidação da relação da Incubadora com os EES, a articulação com as políticas públicas através dos Fóruns Municipais e do Vale dos Sinos, a ampliação da atuação em redes de economia solidária, como espaços que se revigoram na intervenção dialógica de professores e bolsistas de extensão com os trabalhadores e a comunidade, juntamente com as próprias estruturas e estratégias educativas da Incubadora.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Após tantas experiências associativas que foram sendo acumuladas e dispersas pelo movimento contraditório da história e dos trabalhadores, desde as lutas do cooperativismo operário contra a Revolução Industrial, no começo do século XIX, até o recente enfrentamento ao projeto de sociedade de base política neoliberal, com início em meados da década de 1980, conforme destacado ao longo deste estudo, percebe-se atualmente a busca por uma “outra economia”, defendida por segmentos da sociedade que demonstram a sua indignação com o desemprego, à pobreza e à exclusão.

Com certeza esta luta é de todos nós!

Este estudo é decorrente da minha experiência profissional em uma universidade comunitária no Sul do país, mais precisamente atuando há cerca de dez anos em projetos sociais desenvolvidos com comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica, surgindo nas reflexões e desassossegos junto às práticas de extensão universitária e da economia solidária. Como educadora, viver a relação da universidade com a comunidade tem suscitado permanentemente desacomodações e indagações frente às concepções e às práticas desenvolvidas pela Incubadora de Economia Solidária e frente às possibilidades e os limites das experiências surgidas na relação da universidade com a sociedade e na relação entre ensino, pesquisa e extensão.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Botomé, Silvio Paulo (1996) **Pesquisa alienada e ensino alienante**. O equívoco da extensão universitária. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: EDUFSCar; Caxias do Sul, RS: EDUCS.

Brandão, Carlos Rodrigues (2002) **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras.

Cattani, Antonio David (org.) (2003) **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores.

Chauí, Marilena (1994) USP 94: a terceira fundação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 49-68, sep./dez.

_____ (1999) A universidade operacional. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais, 9 mai.

_____ (2003) A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, dez.

Faria, Dóris Santos de (org.) (2001) **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UNB.

França Filho, Genauto Carvalho de; Cunha, Eduardo Vivian da (2009) In: **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, p. 224-230.

Freire, Paulo (1983) **Extensão ou comunicação**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Hespanha, Pedro et al. (Coord.) (2009) **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina.

Jovchelovitch, Sandra (2008) **Os contextos do saber**. Representações, comunidade e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes.

Laville, Jean-Louis; Gaiger, Luiz Inácio (2009) Economia solidária. In: HESPANHA, Pedro et al. (coord.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra, Portugal: Almedina, p. 162-168.

Mance, Euclides André (2002). **Cadeias produtivas solidárias**. IFIL, Curitiba. Disponível em: <http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/cadeiaprodutiva-pt.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2002.

Ponte, Cyntia Isabel Ramos Vivas. **Identificação e discussão do processo de produção/construção do conhecimento a partir das ações de extensão realizadas pelos professores da FAMED/UFRGS no período 2000-2004** (2008). Porto Alegre: 2008. 97 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



Rede de ITCP (2009) Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. **Projeto:** reestruturação e ampliação da Rede de ITCPs. Brasil.

Santos, Boaventura de Sousa (1988) **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento.

_____ (2001) Da ideia de universidade à universidade de ideias. In: _____. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, p. 187-233.

_____ (2002) Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista de Ciências Sociais Aplicadas**, Coimbra, n. 63, p. 237-280, out.

_____ (2004) **A universidade no século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez.

_____ (2005) **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência.

_____ (2006a) **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez.

_____ (2006b) **Renovar la teoría crítica y reinventar la emancipación social** (Encuentros en Buenos Aires). Buenos Aires: CLACSO Libros.

_____ (2009) **Una epistemología del Sur**. México: Siglo XXI: CLACSO.

Santos, Boaventura de Sousa; Meneses, Maria Paula (orgs.) (2009) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, CES.

Silva, Enio Waldir da (2003) **Extensão universitária no Rio Grande do Sul:** concepções e práticas. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 330f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Singer, Paul (2003) Economia solidária. In: CATTANI, Antonio David (org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, p. 116-125.

Sousa, Ana Luiza Lima (2000) **A história da extensão universitária**. Campinas, SP: Alínea.

Spivak, Gayatri Chakravorty (2010) **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG.

Veronese, Marília Veríssimo (2008) **Psicologia social e economia solidária**. Aparecida, SP: Ideias e Letras.